

do México pelos franceses. No teatro, autores nacionais disputavam a preferência do público: Alencar, Macedo, Quintino Bocaiuva, Pinheiro Guimarães. E a moda feminina constituía outro sintoma das mudanças em avanço: “As cantoras do Alcazar revolucionam, por fim, as modas. O *Mequetrefe*, a *Vida Fluminense*, a *Semana Ilustrada*, a *Pacotilha* enchem páginas e páginas de sátiras. (...) A saia balão era do tempo dos tecidos aos côvados e às varas. A vida era barata, entretanto, pois os açougues anunciavam carne a cento e oitenta réis a libra. A cidade não tem ainda grandes confortos. As modas, porém, preocupam dominadoramente. Além do balão, já um pouco disfarçado, além das grandes caudas, consumindo metros e metros de pano, as elegantes usam cabeleiras montanhosas, fechando ao alto com chapeuzinho, cheio de frutas, folhas e fitas. O *Jornal das Famílias*, do editor Garnier, primeiro, *A Estação*, do Lombaerts, depois, agitavam o gosto, com modelos e figurinos vindos da França”⁽¹³⁵⁾.

Tavares Bastos redige, em 1868, com Lafaiete Rodrigues Pereira, o *Diário do Povo*, trincheira de combate dos liberais, deixando-o, em fevereiro de 1869, para participar da *Reforma*, que começa a circular a 12 de maio desse ano, dirigida por Francisco Otaviano e contando também com Saldanha Marinho, Tito Franco, Silveira Martins, Joaquim Manuel de Macedo, Teófilo Otoni, Sousa Franco, Homem de Melo e outros. É o jornal mais prestigioso da época: “jornal que muito influenciou nas transformações da imprensa”, polemizando com ardor. Originara-se do Clube da Reforma, que os liberais haviam fundado, significando a necessidade de alterações na ordem política que correspondessem às que decorriam do desenvolvimento do país. Contaria logo com a colaboração de Afonso Celso de Assis Figueiredo, Rodrigo Otávio de Oliveira Menezes, José Cesário de Faria Alvim, Joaquim Serra e outros, combatendo o governo conservador e, nesse combate, gerando uma ala radical que evoluirá em seguida para a adoção da República. As críticas ao regime iam se elevando de tom. Antigo colaborador do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro*, e fundador, com Andrade Figueira, de *A Nação*, Ferreira Viana publicara, em 1867, o panfleto *A Conferência dos Divinos*, que lembrava o ardor do *Libelo de Timandro*. O folheto aparecera sem assinatura e distinguia-se do de Sales Torres Homem porque este aparecera numa fase de ascensão conservadora e aquele vinha à luz numa fase de ascensão liberal. O clima político pode ser aferido pelo que proclamava o jornal republicano cearense *O Barrete Frígido*, em 1869: “Façamos a revolução. Fora o rei. Cuidado com o exército; onde ele predomina, a liberdade é uma men-

(135) Elói Pontes: op. cit., pág. 102/103.